

5

Conclusão

Quando os moradores de Vista Alegre tornaram-se personagens empíricos da emissora regional - por estarem inseridos em uma comunidade que às portas do século 21 ainda não usufruía dos benefícios da energia elétrica - conhecer aquele lugar tornou-se um desafio. Primeiro porque causou estranhamento o fato de que a maioria dos moradores locais ansiava pela instalação da luz para poder assistir à tevê todos os dias, antes mesmo de pensarem em comprar uma geladeira; depois, porque logo se descobriu que não havia registros oficiais sobre a comunidade. Para encontrá-la foi preciso investigar, percorrer estradas, procurar informações em várias fontes.

A falta de dados concretos sobre a localidade agiu como estímulo para a pesquisa. O espírito investigativo do jornalista foi tocado pela sagacidade do antropólogo e viu-se imbuído daquela pretensa capacidade de surpreender, fazer o registro. De início, a proposta era verificar de que maneira os moradores de Vista Alegre se relacionavam com os conteúdos simbólicos disponibilizados pela televisão passados cinco anos da implantação da energia elétrica. Mas o contato com os autores apontava outros caminhos. A contemporaneidade dos fatos sugere que esse ainda é um lugar em construção. Assim, se os últimos cinco anos não são suficientes para tentar mensurar o que ainda resta da memória local, antes de ser submetida às narrativas mnemônicas tele-disseminadas, o mais provável é que jamais se possa chegar a essa resposta. Se o presente que a televisão instaura ajuda a reinterpretar o passado, até que ponto o modifica?

Para traçar uma cartografia simbólica, tornou-se imprescindível ler as narrativas silenciosas, as metáforas e a multiplicidade de sentidos. E em momentos em que a leitura se tornava difícil, Calvino (1990) nos inspirou com sua etnografia das cidades invisíveis: ler as ruas como se fossem páginas escritas, guardando os nomes, reconhecendo as casas, ouvindo as histórias e os silêncios.

A leitura do mapa que se tornou possível traçar nesta cartografia simbólica nos leva a considerar que, ao longo dos próximos anos, localidades como Vista Alegre, submetidas aos processos globalizatórios, estarão modificadas. Mas não

ao ponto que se imagina. Vista Alegre sobrevive à margem, por isso sobrevive. Lançados à própria sorte, seus habitantes continuam a tocar suas vidas da mesma maneira, tirando do meio e das relações com os grupos grande parte dos recursos que lhes garantam a sobrevivência. Como outros, esse é um lugar que dificilmente deixará de configurar-se como um espaço banal, onde o meio geográfico local determina que as mudanças se dão em continuidade e é do tempo real, materializado nas atividades rotineiras do dia-a-dia, na solidariedade exercida pelos indivíduos, que se extraem as possibilidades concretas oferecidas pela modernidade. Uma modernidade tardia, selvagem e progressiva se instala à proporção que os olhos e os passos a alcançam.

A velocidade com que as técnicas se aprimoram no mundo globalizado não corresponde à velocidade com que se colocam nesse lugar esquecido. Se precisamos admitir que o momento atual sugere o traçado de várias globalizações, podemos supor que a velocidade de um tempo virtual não altera, necessariamente, a de um tempo real, vivido, em um espaço ocupado, partilhado por interações que – quase obrigatoriamente - se dão face a face. Acreditamos que a globalização vai chegar a todos os lugares em níveis diferentes (como ocorre hoje) e que os processos de exclusão serão agravados por uma condição de desequilíbrio que se torna permanente na medida em que, à racionalidade dos processos globalizatórios, lugares como Vista Alegre se situam do lado de fora. Nas cidades invisíveis do mapa que a globalização redesenha tudo acontece depois, mais tarde, traduzindo as características de lugares que estão em construção.

Vista Alegre é um território periférico de um país periférico. E como tal, seu traçado reflete as mesmas condições previstas para os territórios dos quais só se apreendem as partes: desiguais, controversas, incomensuráveis. É como se vários pares de sapatos estivessem posicionados de forma a convergir para um centro. Bonitos, feios, limpos, velhos, sujos, novos. Alcançam-no em momentos diferentes. Os que estão situados na frente - se não houver imprevistos - passam a ser refletidos por um espelho que captura as partes. Alguns dos pares de sapatos, no entanto, não cabem no espelho. Será que os pés de Vista Alegre caberão um dia no espelho de um mundo desenvolvido?

Queremos supor que o tamanho dos passos depende do conforto que os sapatos proporcionam. Se os sapatos apertam, a caminhada é mais longa. Quando os calçados são confortáveis, é mais fácil cobrir o percurso. Não é possível

garantir, todavia, que existam sapatos adequados, ou que todos os pés estejam em condições de completar o percurso simultaneamente. Alguns terão que aguardar em uma fila muito longa. É justamente nisso que a proposta se sustenta: na promessa de que um dia todos chegarão a se enxergar nesse espelho. Ainda que, para alguns, a imagem que se vislumbre esteja de alguma forma desfocada, refletida por uma inclusão subalterna.

A inclusão de Vista Alegre no mundo globalizado começou a se dar com a implantação da energia elétrica, que visivelmente provocou mudanças nos últimos cinco anos. A luz criou benefícios para a produção agrícola e a pecuária de leite: a irrigação por bombeamento reduz o tempo gasto na lida diária com as lavouras e as fruteiras e permite aumentar a área plantada; nos currais, já é possível tratar dos animais à noite e a aquisição de tanques de resfriamento de leite garante por mais tempo a conservação do produto. Os vínculos comerciais que começam a se estabelecer com o entorno sugerem a dependência econômica de um centro, Conceição de Macabu, que poderá garantir o escoamento da produção rural; também é nesse centro que se mostram mais próximas as chances de satisfação das necessidades que se criam com a modernidade: o consumo dos objetos-mundo. Necessidades que, nesse lugar, começam a ser despertadas pela recepção dos produtos veiculados pela televisão.

Em Vista Alegre, a globalização chega pela televisão. Através do aparelho de tevê, dona Enilzete, dona Elenilza, dona Lúcia e tantos outros acompanham as guerras, as celebridades, as surpresas e as mazelas de um mundo novo. No entanto, do ponto de vista das necessidades e dos interesses pessoais, esses indivíduos para quem a modernidade chegou tardiamente vêem suas vidas mudarem muito pouco. O mundo que se descortina pela tela da tevê está ainda muito distante dos pés para que possa ser fisicamente alcançado. Na maioria das vezes, trata-se apenas de um mundo sugerido, imaginado. Que mundo real a globalização pode oferecer aos moradores desse lugar que não está no mapa? Que implicações pode ter nesse espaço ocupado por pessoas simples, pobres, muitas ainda analfabetas e para quem não foram disponibilizadas outras ferramentas da modernidade além do controle remoto?

Para os estudos culturais, a comunicação de massa é parte integrante das práticas diárias da vida cotidiana, das atividades sociais humanas que estão ancoradas nos processos de produção de sentido. Dessa forma, a pesquisa sobre os

meios de comunicação deve se preocupar, sobretudo, com a maneira como os grupos sociais usam os discursos dos meios a partir dos contextos em que esses discursos estão inseridos. Nos últimos trinta anos, a pesquisa acadêmica – até então ocupada em descrever os processos de produção de televisão e as intenções dos produtores para com a audiência - vislumbrou a necessidade de averiguar de que maneira os conteúdos mediáticos do mundo globalizado chegam aos aparelhos de tevê que conseguem alcançar. Nesse momento, o receptor torna-se o personagem teórico com o qual os estudos de recepção investigam: o que os indivíduos fazem com as mensagens que recebem? Como os utilizam no cotidiano? Que tipo de mudanças podem provocar nos indivíduos e nas comunidades?

É possível afirmar que o contato com a contemporaneidade está começando a provocar o redimensionamento dos sentidos de pertencimento, identidade, imaginário e memória dos moradores de Vista Alegre. A globalização que chega pela televisão parece sugerir que há outros modelos de sapatos que permitem percorrer trajetos mais longos. Entretanto, parece-nos que a incorporação dos conteúdos mediáticos na vida cotidiana não basta para provocar nos habitantes de Vista Alegre mudanças reais de atitudes; ela ilustra o que poderia ser, o que eles poderiam vir a ser se as limitações, os impedimentos, não fossem tantos e tão difíceis de transpor: o analfabetismo, a pobreza, a má condição das estradas de acesso ao lugar, a distância que seus moradores estão dos centros, a falta de transporte coletivo, de telefones fixos, de outros veículos de comunicação a não ser a tevê e o rádio, e, em consequência, o isolamento. Na conformidade do dia-a-dia, os moradores de Vista Alegre sabem o que um dia poderá ser deles e o que nunca será. Dessa forma, perguntamos: Vista Alegre, a despeito da exclusão, seria um exemplo de globalização contra-hegemônica?

Enquanto a globalização derruba as barreiras culturais, geográficas e econômicas, expandindo seus poderes sob a suposição de que o mundo cabe em seu projeto, também pulveriza os localismos, reforçando-os. É hora de admitir que é dos localismos que esse processo não dá conta pelo fato de representarem justamente as contradições que “não estão no mapa”. Há que se considerar os ritmos, as origens, os processos que antecedem a chegada da modernidade nos lugares em que parece que ela chega por acaso.

Queremos supor que se a televisão opera nas pequenas comunidades como o principal veículo de comunicação de massa, ela precisa encontrar o caminho que a leve a compreender o modo como os variados grupos sociais concebem o mundo, tomam decisões fundamentais para a coletividade, atuam como instrumento de mobilização de pequenas minorias. Fazer do personagem empírico um personagem histórico capaz de traçar as linhas de sua própria narrativa. Se do ponto de vista da materialidade física, o meio geográfico em Vista Alegre ainda não oferece condições para a racionalidade técnica se impor em sua plenitude, sob a ótica de uma imaterialidade simbólica, a irracionalidade do imaginário cria as condições que fazem deste lugar o espaço das possibilidades. Não caberia às tevês locais buscar o acesso a seu público diferenciado, instaurar uma relação de troca e atuar como um meio organizador de identidades específicas? Para proporcionar aos moradores de Vista Alegre o acesso ao universal, o caminho seria fazer do localismo globalizado algo além de uma promessa?